

Os Hinos à Noite de Novalis

Crítica literária

Nicolly Franco
Marquessuel Souza

Se expressar sobre Novalis torna-se, de certo modo, algo outro. Quer dizer, ao falar ou dizer quer seja poucas palavras em relação a este autor do romantismo alemão, é quase que evocar misticismo. Para tanto, seu nome envolve muita reflexão do ponto de vista cultural, tanto em sua época quanto em épocas póstumas. O século presente carece inexoravelmente de atenção especial, principalmente quando pensamos no modo como o ser humano vive cujo comportamento apresenta-se distante do seu ser, no sentido fenomenológico.

Assim sendo, em se tratando de Novalis, deve-se considerar o contexto histórico e geográfico em que viveu. Não obstante, Novalis encanta, embriaga, seduz e em certo sentido faz o leitor se deparar face a face com o seu ser (ontologicamente), cada vez mais estranho. Evocá-lo, assim como descrito no presente texto, mostra a importância deste autor na literatura mundial. Autor pouco conhecido e pouco estudado (Novalis), ele representa sem sombra de dúvida o idealismo alemão e o romantismo que formam, por assim dizer, um único mar da filosofia e da poesia da e na Alemanha do final do século XVIII e início do século XIX.

Novalis equivale o romantismo alemão; seu nome traduz o movimento vanguardista da Alemanha idealista. Muito se fala sobre Schelling, os irmãos Schlegel, Schiller, Goethe, Hegel, Fichte, Hölderlin entre outros, todos relacionados aos ideais alemães na transição de pensamentos sobre a forte influência da filosofia kantiana para a pós-kantiana. Porém, raros são aqueles que pronunciam o nome de Novalis. Poeticamente pode-se dizer – de forma audaciosa – que este pensador fez revolucionar ideias em que a primeira metade do século XIX deixou-se marcar fixamente na história do desenvolvimento filosófico europeu.

Com seu estilo único, através de seus fragmentos e de seus textos, em muitas ocasiões incompletos, Novalis traduziu o intraduzível, viu o invisível, disse o inaudito, tocou o intocável, pensou o impensável de forma simples e profunda. Isto tudo, quando viveu. A pouca idade vivida mostra o quanto Novalis produziu magistral e genialmente, bem como ilustra o quanto poderia ter desenvolvido ainda mais se sua vida não fosse interrompida precocemente. Novalis foi um dos mais importantes personagens do romantismo alemão. Foi poeta e filósofo.

O que Novalis realizou de tão significativo em seus escritos foi expor suas ideias de modo simples e ao mesmo tempo com profundidade inestimável. Suas aspirações e concepções de existência. – Certo que tudo o que ele escreveu se passou no final século XVIII, mas sua singularidade não se desfaz. Todos os seus textos apresentam um romantismo e um idealismo sem igual. Contudo, flutuante, isto, no sentido de prazer amplo na leitura, bem como na reflexão filosófica. Uma magnificência que ilustra a nova era do pensamento alemão no que concerne à concepção de mundo, algo que nos faz remontar a Grécia antiga e toda a sua cultura.

Novalis – Georg Phillip Friedrich von Hardenberg (1772-1801), só viveu 28 anos. Mas o que produziu de escritos intelectualmente é algo singular. Seus textos influenciaram muitos movimentos artísticos. Novalis sempre foi autêntico, original. Eis porque estudá-lo tem importância, desde os antigos até os nossos dias.

O apreço novaliano pela imaginação traduz ou decifra sua cultura, seu universo. E não podemos negligenciar os aspirantes dessa nova era cultural na literatura e na filosofia alemãs: Schelling, Hegel, os irmãos Schlegel, Wackenroder, Ludwig Tieck, Hölderlin, Schiller, Goethe, Herder, Fichte etc. Apenas para citar alguns. E fora da Alemanha Rousseau, Voltaire e tantos outros. É a partir deste momento – especialmente o final do século XVIII – que a “sociedade europeia” passa a viver um novo clima “social”. Aqui podemos nos referir ao Iluminismo e a Revolução francesa.

O estilo único de Novalis se faz presente em toda sua obra. Os seus versos e os seus fragmentos marcaram a literatura como um todo. Como já dito, Novalis influenciou artistas e filósofos. August e Friedrich Schlegel e seus fragmentos, assim como Nietzsche e seus fragmentos foram influenciados por Novalis.

Bem, uma vez exposto esta breve introdução, podemos nos aventurar em analisar uma obra específica do Novalis: *Hinos à noite (Hymnen an die Nacht)*.

Na obra novaliana aqui tratada, vê-se que o romantismo alemão rendeu fascínio à beleza da noite, cuja mesma se tornou é tema central do poema de Novalis em que ele descreve o mistério da transição do dia para noite em que é abordado como duas metades da personalidade do eu lírico. Conquanto, dando ênfase a escuridão noturna, ilustrando o aspecto melancólico da personagem que se sente atraído por sua própria tristeza, indo contra a típica sedução que o ser humano tem pela luz, interpretado como a vida. Ou seja, o instinto natural de sobrevivência animal. Nesta acepção, o eu lírico se apaixona pela ilusão da própria morte fazendo referência a escuridão da noite. Numa alusão à morte da amada.

A razão envolvente é sedutora no sentido de trazer o leitor ao invólucro da trama. A tradução dos *Hinos à noite* aqui “analisada” é da Editora Clepsidra (2019), realizada por Felipe Vale da Silva, com apresentação de Cláudio Willer e posfácio do tradutor (Felipe) e colagens de Filipe Florence Rios. Uma edição bilingue. Uma oportunidade ímpar para os estudos novalianos em língua vernácula. Já que os livros de Novalis são de difícil acesso em português. O livro é organizado ou dividido em seis hinos. Cada qual complementos entre si.

Como mencionado antes, “Hinos à noite pode ser lido como lamento pela perda da amada Sophie von Kühn”, nos propõe Cláudio Willer. E mais: uma vez que tenha perdido para sempre a sua amada, Novalis “dá em diante, santificou-a”, nos diz Willer. Portanto, podemos considerar os Hinos à noite como um “culto a Sophie”, especialmente no que concerne à escuridão da noite. Que, por assim dizer, pode significar carência, (falta) em referência à luminosidade diurna. Contudo, a escuridão noturna se transformará em luminosidade a partir do instante em que Novalis passa a pensar na ausência de Sophie. Ela iluminará suas memórias. Ou como muito bem situou Cláudio Willer, parafraseando-o: “A amada tornou-se divindade sincrética; divindade feminina máxima, plena [...]. A terna Amada – adorada Sol da Noite”. E mais, segundo Willer, “Novalis fundiu sua Sophie com a Sophia gnóstica, encarnação feminina da sabedoria ou do conhecimento”. A Sophia gnóstica que Willer faz referência é uma alusão à *Pistis Sophia* dos *Evangelhos apócrifos*. É digno acrescentar que os Hinos à noite, no que respeita ao romantismo apaixonado e sutil, se assemelha aos *Cantos espirituais*, outro belo poema de Novalis. E a busca de Novalis pela Flor azul é outro momento importante em sua poética. A *Flor Azul* é o ideal procurado no romance *Heinrich von Ofterdingen*. Uma espécie de misticismo poético que nos faz reportar a William Blake (*Proverbs of Hell*). – A ideia de culto à noite novaliana nos faz remontar ao conto de Guy de Maupassant *La nuit* (A noite).

Diante de uma metamorfose poética e sentimental, Novalis inicia seus Hinos à noite afirmando que o ser que não ama é, por assim dizer, um ser insensível. Vejamos em suas próprias palavras: “qual ser vivo, dotado de sensibilidade, não ama...”. Aqui, vê-se que tal proposição

pode ser posto como uma indagação pertinente. [qual ser vivo, dotado de sensibilidade, não ama?]. Como já havíamos mencionado, Novalis faz referência a sua amada. E fala do “doce sol da Noite”. E aqui podemos interpretar esta passagem como uma menção indireta à Sophie. E se reportando à noite, Novalis num arrebatamento de espírito não hesita: “o domínio da Noite transcende tempo e espaço. – Eterna é a duração do Sono sagrado”. Observemos que Novalis insinua o “sono sagrado” como a morte. E na sequência textual ainda apela: “a Noite é o alívio... da vida cotidiana na Terra. Apenas os tolos te ignoram...”. Quão profundo são essas passagens!

Cheio de aflição por sua querida já sem vida na existência carnal, Novalis num sonho se transpõe em metafísica; e diremos que não é simples devaneio/alucinação ou pura ilusão do autor. O poeta, filósofo e escritor Novalis – como está no texto – por meio de uma nuvem poeirenta (nevoeiro noturno), como que encantado, fascinado de paixão amorosa, revela: “avistei, através dela, os traços transfigurados de minha amada. Em seus olhos repousava a eternidade o tomei-lhe as mãos e as lágrimas se transformaram em um liame estrelado, inquebrantável. [...] No colo dela derramei lágrimas, extasiado com minha vida. Aquele foi o primeiro e único sonho...”. Observemos o romantismo alemão atuando com todo o seu vigor. Bem entendido, o idealismo alemão nitidamente se faz presente, mas de modo distinto quanto a franqueza do autor. Sua verdade e compreensão da vida é singela para com a Noite e a amada. De certa maneira, o que Novalis desenvolve nos faz lembrar de alguns românticos brasileiros, àqueles tidos como os poetas do mal do século (XIX): Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu entre muitos. Assim como outros autores de outras nacionalidades, como alguns franceses, por exemplo; e até mesmo alemães e ingleses.

Os Hinos à noite para além do romantismo original (não aceitar o mundo tal como o é), ilustra uma visão de mundo (*Weltschauung*) de um momento histórico singular da e na Europa central.

Em sua “angústia” noturna pensando na amada, Novalis nos faz aproximar sua narrativa da *Ofélia* de Shakespeare e da *Ismália* de Alphonsus de Guimarães (para mencionar apenas duas criações literárias reluzentes): “arrebata-me, ó amada... de forma que eu ame e enfim adormeça”. Grandioso, elegante, eloquente! Em suma, esplêndido.

Novalis deseja ardorosamente tocar a Alma do mundo (*Seele der Welt*). No sentido de natureza, existência. E para tal, recorre ao “véu da Noite” poético, metafórico, metafísico, simbólico, transcendental: “o que foi morte então é vida infinita”. É notório registrar que a simbologia entre noite, escuridão e morte é nitidamente confirmada por Novalis.

Partir do mundo da leitura para a leitura do mundo é fundamental. Ler o mundo (a existência, a natureza) é um ato natural, mas nem todos possuem a mesma capacidade a

disposição para interpretá-lo. E as interpretações não inúmeras. E o mais intenso envolvimento do Novalis com a natureza está registrado no romance *Os Discípulos em Säis*, um escrito incompleto, ou melhor, inacabado. Mas que possui uma filosofia muito interessante.

No posfácio, o tradutor dos Hinos à noite, Felipe Vale da Silva diz que “as personagens principais dos hinos de Novalis são a Noite e o Dia, duas forças cósmicas humanizadas que, como nas teogonias antigas, encapsulam dimensões múltiplas da experiência humana”. Bela exposição! Não obstante, há o dia, e “a noite, sua contraparte”, nos adverte o tradutor (Felipe).

Ainda de acordo com o tradutor, “Novalis lida a todo momento com a imagem dos olhos – espelhando a preocupação... com formas de enxergar o mundo”. E durante toda a sua narrativa, percebe-se que Novalis indiretamente quer evocar que “o mundo deve ser romantizado”. E Romantizar é potencializar qualitativamente.

Ora, com a invenção da eletricidade, o mundo noturno se transformou em absoluto. Perdeu todo o encanto, o fascínio de antigamente: aspirações, medo, angústia, mistério, obscuridade da mente etc. Todavia, alguma coisa ainda permanece: o luar noturno que enamora muitos casais. Em especial os mais jovens.

De certo modo, o poema novaliano é uma Elegia, pois invoca a morte. Assim como não deixa de ser um poema autobiográfico. E sua estética é admirável. Por conseguinte, a subjetividade se faz presente ao longo de todo o poema.

A Noite para Novalis pode ser interpretada, segundo Filipe Florence Rios (colagens), como “Nix, a noite grega”. Neste contexto, o mesmo Filipe ainda sugere que a Noite como Nix pode representar a “imagem do Sono e da Morte”, uma vez que “para os Gregos, eram Hipnos e Tântato, ambos filhos da Noite”. Sugestão interessante.

A ideia da Noite pode ser interpretada também como “entorpecimento” – sono. Um renascer do “infinito da mente” (o desconhecido, no sentido da psicanálise). A ideia de andrógino se transfigura na narrativa. Pois na trama, uma parte busca pela outra parte incessantemente. Com evidência vemos isto acontecer. O platonismo é latente, mas numa leitura atenta é possível senti-lo. Uma espécie de alquimia. Na realidade, o que se verifique além de tudo o que fora exposto até aqui, é um sincretismo. Contudo, numa sedutora harmonia envolvendo, vale dizer, Eros e Psiquê – o Amor e a Alma. Para Filipe Rios, a Noite tem “três filhos: o Sono, a Morte e o Amor”.

Por meio da arte, por assim dizer, o ser humano quer se tornar um deus. Então podemos argumentar que os deuses se humanizam a fim de divinizar os homens. Ou em outros termos: os homens se endeusam a fim de humanizar as divindades. Com efeito, a arte tem por finalidade transcendentalizar a imanência e de imanentizar a transcendência.

O mergulho na Noite em que Novalis se aventura é “inusual”. Quer dizer, Novalis tem lugar garantido e assegurado no romantismo e no idealismo mágico. Ele anseia pelo “absoluto”. Algo característico do romantismo alemão e do idealismo alemão.

Novalis fora um dos maiores gênios do romantismo.

Para concluirmos, eis uma homenagem de nossa parte:

Solilóquio a Novalis

Um dos mais
Significativos representantes
Do romantismo alemão.

Novalis,
O Hardenberg da flor azul,
Do romantismo e do idealismo mágico,
O poeta e o filósofo que viu na poesia
A essência da natureza humana
E da existência.

Novalis,
Singular dentre muitos outros
Do idealismo e do romantismo alemão.

O romantismo idealista ou,
O idealismo romântico
Diz o nome “Novalis”.

Um dos pensadores mais geniais,
Mais expressivos e notáveis
Do movimento que marcou época.

Novalis,
Seu nome equivale
O primeiro romantismo alemão.

Quando a noite é,
A mesma torna-se singular.

A noite é escura
Devido o excesso de luz,
A mesma é clara
Em virtude da demasiada
Escuridão que oculta
A luz noturna.

O amor perdido
Dói e muito profundamente.
Em fragmentos
Os versos são constituídos.

A juventude nos consome
De paixão pelo saber,
Pelo conhecimento.
A angústia amorosa
Invade-nos em demasia.
Novalis, que pensador...

No semblante da noite
Tudo se constitui,
Tudo se desfaz.

Pensamentos prudentes
Para além do habitual,
Flores perdidas
Do jardim secreto.

Conjugados sofrimentos
De ações perfeitas,
Sempre olhando o olho
Que não se vê.

Oh Narciso, onde estás?
Morfeu... traz-me de volta...

Os deuses clamam
Junto a mim...

Quando é à noite,
A noite é de modo especial¹.

¹ Obras do Novalis consultadas para a presente crítica:

Hinos à noite. Tradução Felipe Vale da Silva. São Paulo: Editora Sebo Clepsidra, 2019. 112p.

Polén: fragmentos, diálogos, monólogo. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009. 259p.

A cristandade ou a Europa e seleção de fragmentos. Tradução José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006. 95p.

La Enciclopedia (notas y fragmentos). Traducción Fernando Montes. Madrid: Espiral/Fundamentos, 1997. 450p.

Inni Alla notte - Canti spirituali. Traduzione di Roberto Fertonani a cura di Virginia Cisotti. 2ª edizione. Con testo a fronte. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1984. 172p.

Les Disciples à Saïs, Hymnes à la nuit, Chants religieux. Traduction Armel Guerne. Paris: Éditions Gallimard, 1980. 182p.

Henri d'Ofterdingen. Traduit par Marcel Camus. Paris: Aubier, 1942. 451p.